

O BATATÃO E OUTRAS COISAS DA NOITE: CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO E IMAGINÁRIO POPULAR EM QUIXERÉ, CEARÁ

**THE BATATÃO AND OTHER NIGHT BEINGS: GHOST STORIES AND POPULAR IMAGINARY IN
QUIXERÉ, CEARÁ**

José Lucas Brito Souza¹

<https://orcid.org/0009-0005-1250-3910>

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca²

<https://orcid.org/0000-0003-2031-0711>

Ozaias Antonio Batista³

<https://orcid.org/0000-0003-1351-9728>

RESUMO

Neste trabalho, buscou-se apresentar algumas das antigas lendas de assombração contadas na cidade de Quixeré, Ceará. Através de um trabalho de pesquisa teórica e de entrevistas com moradores locais, objetiva-se conhecer um pouco mais a respeito do imaginário popular de uma cidade interiorana nordestina e como este mesmo imaginário revela certos aspectos a respeito da cidade e de seus habitantes. Por meio da análise e da compreensão das lendas assombradas e do contexto social no qual estão inseridas, é possível descobrir aspectos relevantes sobre a cultura local e por quais razões estas narrativas atravessam o tempo, chegando até os dias de hoje.

Palavras-chave: narrativas; assombrações; imaginário social; Quixeré.

1 Mestrando em Ciências Sociais e Humanas (UERN). Bacharel em Ciências Sociais. E-mail: lucasbritu.brito@gmail.com.

2 Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (UERN). E-mail: ailtonssfonseca@gmail.com.

3 Doutor em Ciências Sociais (UFRN). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (UERN). Professor de Sociologia da Ufersa. E-mail: ozaias@ufersa.edu.br.

ABSTRACT

In this work we seek to show some of the old legends of hauntings told in the town of Quixeré, Ceará. Through theoretical research work and interviews with local residents, we will try to learn a little more about the popular imaginary of a northeastern interior town and how this same imaginary reveals certain aspects about the town and its inhabitants. Through the analysis and understanding of haunted legends and the social context in which they are inserted, it is possible to discover relevant aspects about local culture and why these narratives cross the time, reaching the present day.

Keywords: narratives; hauntings; social imaginary; Quixeré.

INTRODUÇÃO

Mitos e lendas sempre ocuparam lugar de destaque no imaginário tanto pessoal quanto coletivo, integrando as narrativas daquela que durante muito tempo ficou conhecida pela alcunha de cultura popular. Histórias como essas – possuidoras de diferentes significados de acordo com os costumes e com a cultura do povo que as conta – costumavam ser transmitidas das antigas para as novas gerações de maneira oral, em rodas de conversa ao cair da noite. No entanto, apesar de diferentes umas das outras, seus objetivos eram quase sempre os mesmos: servir como meio de socialização, entretenimento, lição de moral ou de advertência contra os perigos do mundo. Reforçavam, assim, os laços sociais de uma determinada coletividade.

Elas são registros preciosos da história cultural, dos fazeres e dos saberes das comunidades tradicionais, estejam elas situadas nos espaços rurais ou nas periferias das grandes cidades, nas redes sociais ou na internet, onde novos laços de comunicação vão se tecendo com o correr do tempo. A cultura popular se destaca pela sua ampla variedade de manifestações, das quais o folclore é apenas uma delas. Porém, os dois conceitos não devem ser confundidos:

Etimologicamente “folclore” significa saber popular [...] Entretanto o que historicamente ficou compreendido por folclore é uma parcela circunscrita de uma cultura de um povo (um povo fora dos processos de industrialização) com características impostas pelo folclorista como sempre anônimas, tradicionais, autênticas, enfim, uma visão romântica. A cultura popular, ou pensando antropologicamente, o estudo das culturas locais, deve ser compreendida localmente (Bernardes, 2014, p. 7).

Dentro dessa manifestação cultural, constituem as chamadas “histórias de assombração” uma categoria peculiar, mas altamente reveladora. Pode-se dizer que o imaginário do sobrenatural sempre se fez presente permeando os espaços sociais, em diferentes épocas e lugares mundo afora. Histórias versando a respeito de aparições de espíritos diversos, almas, “visagens” em lugares ermos e remotos, em horas tardias da noite ou em dias específicos; homens se transmutando em animais selvagens; luzes estranhas observadas dançando nos céus e perseguindo transeuntes; casas e seus moradores perturbados por forças do além, dentre outros do gênero. “Muitas dessas lendas já são bastante antigas, tendo sofrido pequenas alterações ao longo dos anos. Outras foram mesmo traduzidas e incorporadas a outras culturas” (Fagundes, 2000, p. 12).

Porém, o que constitui uma lenda? Câmara Cascudo, folclorista e pesquisador dos contos populares, em sua obra *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1998), nos traz uma possível definição:

As lendas são episódio heroico e sentimental, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. [...]. Conserva as quatro características do conto popular: Antiguidade, Persistência, Anonimato, Oralidade. Os processos de transmissão, circulação, convergência são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral (Cascudo, 1998, p. 511).

Narrativas de assombração existem desde tempos remotos. Acredita-se que a mais antiga história onde aparece, por exemplo, uma casa mal-assombrada remonta à antiga Grécia, sobrevivendo ao tempo pelos escritos de Plínio, o Jovem (61-113 D.C). Na história, uma casa e seus habitantes são atormentados pelo espírito de um velho homem que aparece à noite e anda pelos corredores, soltando gemidos angustiados e fazendo um barulho como o de correntes sendo arrastadas. O filósofo Atenodoro, ao ficar sabendo do caso, resolve visitar a dita casa assombrada a fim de investigar. À noite, como já esperado, o espírito se manifestou para Atenodoro, apontou para um local específico da casa e desapareceu em seguida. No dia seguinte:

[...] vai ter Atenodoro com os magistrados e suplica-lhes mandar cavar no lugar assinalado. Feito isto, acharam-se ossos ainda presos em cadeados e nada de carnes, porque o tempo as consumira. Depois de cuidadosamente reunidos, sepultaram-nos com publicidade. E, feitos ao morto os últimos ofícios fúnebres, não mais perturbou o repouso da casa (Plínio *apud* Gama, 2017, p. 6).

Pesquisar sobre contos de assombração é também, de certa forma, contribuir para preservar essa parte da cultura que pode vir a ser esquecida com a morte dos contadores de histórias. Para Bernardes (2016, p. 1), essas narrativas se constituem em verdadeiros “patrimônios históricos imateriais”, reveladores de como os indivíduos orientam e constroem uma parte de suas vidas e de suas crenças, influenciando, por vezes, seus próprios comportamentos.

A existência e as múltiplas funções dos imaginários sociais não deixaram de ser observadas por todos aqueles que se interrogavam acerca dos mecanismos e estruturas da vida social e, nomeadamente, por aqueles que verificavam a intervenção efetiva e eficaz das representações e símbolos nas práticas coletivas (Baczko, 1985, p. 299).

Por meio do estudo das lendas e do diálogo com aqueles que as contam, podem-se descobrir aspectos relevantes sobre a cultura de uma região e por quais razões estas narrativas se propagam em determinada época e lugar, chegando até os dias de hoje, mantendo ainda vivo o velho fascínio pelo sobrenatural e pelo misterioso, mesmo em uma época tão tecnológica e com tanto acesso à informação como a nossa. Uma época, como se costuma dizer, “desencantada”, dominada pelo conhecimento racional e pela ciência moderna. “Pois, para o conhecimento empírico racional, não existe *nem* magia, *nem* milagres. Mais ainda: ele repele a questão do sentido como tal” (Schluchter, 2014, p. 44). Além disso:

Histórias de fantasmas são fenômenos mundiais, que vêm sendo contadas pela tradição oral, ou pela literatura. Na Europa, os personagens são camponeses, reis, rainhas, cavaleiros, princesas, habitantes dos palácios ou de velhos casarões, na cidade e nos campos. No Brasil a depender da região, os personagens podem ser também muito variados e aparecem nos lugares mais improváveis que se possa pensar. Museus, antigos casarões, fazendas, praças, escolas e por aí vai, a maioria tem histórias de almas penadas, que ficaram vagando e costumam vir assustar os desavisados (Gonçalves, 2020, p. 2-3).

Para tentar conhecer um pouco mais este fascínio que o sobrenatural esconde, veremos a seguir algumas histórias de assombração contadas oralmente em Quixeré-CE, bem como o que essas narrativas têm a dizer sobre uma cidade do interior cearense.

2 AS COISAS DA NOITE QUIXEREENSE

O município de Quixeré-CE surgiu a partir de um aldeamento outrora denominado “Tabuleiro dos Índios”. O topônimo *Quixeré* significa “rio estreito de águas salobras e barrentas”. Os pioneiros da colonização quixerense foram Manuel Felipe da Silva, que construiu o primeiro prédio residencial, e Cândido Chicó, que construiu o primeiro estabelecimento comercial do lugar, por volta da década de 1840. Também chegaram à localidade naquela mesma época as famílias de Manuel Xavier da Silva e de Antônio Costa.

Administrativamente, o então distrito criado com a denominação de Quixeré, por ato provincial de 18/08/1882, passou a figurar como pertencente ao município de São Bernardo das Russas, atualmente Russas. Somente com o decreto-lei Nº 1.156, de 04 de dezembro de 1933, reconheceu-se o crescimento de Quixeré, sendo elevado à categoria de vila. Tornou-se município autônomo com a denominação atual de Quixeré pela lei estadual nº 3.573, de 11/04/1957, tendo sido desmembrado de Russas. Na atual divisão territorial, o município é constituído de quatro distritos: Centro, Água Fria, Lagoinha e Tomé.

Quixeré se situa na 10ª Região Administrativa do Estado do Ceará, chamada Baixo Jaguaribe, e sua área geográfica é de aproximadamente 616,83 km². Ao Norte, limita com o município de Jaguaruana; ao Sul, com Limoeiro do Norte; ao Leste, com o Estado do Rio Grande do Norte; e a Oeste, com Russas. Segundo estimativa do IBGE, em 2022 Quixeré-CE possuía uma população de aproximadamente 20.874 habitantes. Quanto à economia local, o PIB do município é quase todo composto pelo setor de serviços, seguido pela agropecuária e pela indústria.

A História local, até o presente momento, é compreendida, em grande medida, em função de suas personalidades. Nomes como o de Monsenhor Francisco José de Oliveira, Dr. Jeová da Costa Leão, João Batista dos Santos Neto, dentre outros, se afiguram na memória dos quixerenses como baluartes do desenvolvimento e da História política, social e religiosa da cidade. Porém, indo mais além desse imaginário permeado de nomes e de datas, Quixeré-CE também possui outro imaginário: um imaginário que não aparece nos livros nem costuma ser lembrado, mas que, assim como o outro, diz muito sobre a sociedade quixerense. Pois o imaginário que foi, por tanto tempo, negligenciado pelos estudiosos do social, se constitui em um espelho da vida dos indivíduos, revelando, em suas entrelinhas, modos de pensar, de viver e de sentir. “Por detrás dos imaginários, procuravam-se os agentes sociais, por assim dizer, no seu estado de nudez, despojados das suas máscaras, das suas roupagens, dos seus sonhos e representações, etc” (Backzo, 1985, p. 297).

2.1 A MULHER DE BRANCO

O município possui uma ampla variedade de histórias de assombração, nas quais se destacam personagens como o lobisomem, a burrinha encantada, aparições de mulheres de branco em estradas desertas, homens se transformando em animais, casas mal-assombradas, dentre outras. Grande parte dessas histórias se passa na zona rural, em uma época em que a cidade em si ainda era relativamente pequena, com pouca ou nenhuma energia elétrica em muitos locais e grandes áreas desabitadas e recobertas de mata virgem. Esse ambiente, relativamente isolado ou ainda não totalmente urbanizado e/ou industrializado, acaba se tornando palco para muitas das assombrações transitarem.

Para fins de exemplo, um tipo específico e bem conhecido de assombração consiste no fantasma de uma mulher que aparece nas estradas desertas de várias cidades do Brasil, em horas tardias da noite. Na maioria desses relatos, ela aparece vestida como uma noiva de vestido branco, que pede carona a algum motorista solitário, pedindo para que ele a leve em sua casa. Quando passam em frente a algum cemitério e o motorista olha para trás, percebe que sua bela passageira já desapareceu de dentro do carro em um piscar de olhos, deixando-o confuso e apavorado. Em muitos locais, essa aparição noturna é conhecida como “a Noiva de Branco da Estrada” ou simplesmente “a Mulher de Branco”. Segundo uma das versões mais comuns da lenda, ela seria o espírito de uma noiva que morreu na véspera de seu casamento em um acidente e, desde então, perambula pelas estradas do Brasil, perdida, procurando por seu marido.

Voltando a Quixeré-CE, a cidade parece ter a sua própria versão da lenda da Mulher de Branco. Em certa ocasião, dois vigilantes eram os responsáveis pela ronda noturna nas ruas da cidade, sendo um deles meu pai, que me contou este ocorrido tempos depois durante uma conversa informal. No curso de uma dessas rondas, ele e um outro colega testemunharam algo que jamais esqueceriam. Já pela madrugada, os dois estavam indo pela estrada que dava acesso à localidade conhecida como Ilha, perto do Centro, onde, a certa distância, havia um corredor formado de cercas. Quando passavam pelo dito local, o piloto subitamente freou a moto e meu pai perguntou logo o que tinha acontecido. E seu colega respondeu, com voz assustada, que havia uma mulher toda vestida de branco parada no meio da estrada, encarando os dois. Meu pai olhou e disse que não tinha visto nada, apenas uma estrada deserta e escura à frente, embora seu colega insistisse que a tal mulher estava ali, bloqueando a passagem. Assustados, decidiram então dar meia-volta e ir por outro caminho. E, ao olharem para trás, a misteriosa Mulher de Branco já havia sumido.

A ideia de que uma morte súbita ou violenta, apego material ou assuntos mundanos pendentes possam impedir que o espírito do falecido encontre o repouso no outro mundo ressoa em muitas culturas desde tempos remotos. E, em quase todos os casos, é comum que o espírito perturbado retorne ao plano material, podendo se materializar e interagir com os vivos, seja para pedir orações ou para que alguém termine seus assuntos inacabados. As narrativas populares sobre tesouros encantados, cujos espíritos dos antigos donos aparecem para alguém pedindo para que seu dinheiro seja desenterrado e usado para um bom proveito, constituem um bom exemplo. Só depois disso, acredita-se, o espírito descansará em paz. Quanto a este tipo de narrativa, não é descabido “[...] considerar-se o fato de que não há sociedade ou cultura humana da qual esteja ausente a preocupação dos vivos com os mortos. E essa preocupação, quase sempre, sob alguma forma de participação dos mortos nas atividades dos vivos” (Freyre, 2008, p. 25-26).

2.2 O PESCADOR DA NOITE

Na rotina diária, o fantástico se sobressai em diversos momentos. Quando menos se espera, pode-se deparar com uma situação inesperada, assustadora, mesmo nos momentos que aparentam mais tranquilos e corriqueiros. A seguir, uma história contada pelo Sr. Manoel Nogueira dos Santos⁴ residente da localidade da Macambira, zona rural, exemplifica bem este caso. Nela, revela-se o momento do encontro do narrador com uma “assombração das águas”.

Olha, uma época que eu pescava muito, foi mais ou menos na era de 98, por aí assim. Eu fui pescar lá no Poço da Volta, entre o Poço da Volta com o Poço do Nonato de Vicentão, chamava-se o Poço do Nonato do Limão. Eu tava pescando lá e acontece que de repente eu vi uma tarrafa bater na água e eu achei que era um pescador. Deixa que eu me levantei e peguei uma lanterna que tinha aqui e focalizei com a lanterna, bastante. Não vi ninguém. Aí só foi que voltei para o local que eu tava, me sentei em cima de um saco e fiquei sentado. Quando eu me sentei em cima de um saco, o cara vai e toma ar de novo. Eu achava até que era um colega meu que gostava muito de pescar lá nesse poço. Aí eu fui e chamei pelo nome dele, eu disse: “Francimar, você tá pescando escondido, mas eu sei que é você, que é o pescador que tá pescando aí”. Aí quando eu falei isso, o cara foi e deu uma gaitada bem forte, como se fosse uma coisa assim, bem assombrosa. A gaitada dele, ele fez assim Hahaha!! E deixa que essa gaitada que eu ouvi, eu me arrupiei tanto que até deu a impressão que as minhas unhas se fecharam, de tanto arrepio que me deu.

4 Nome fictício.

Aí essa gargalhada que ele deu me assustou um pouco assim, porque eu achei estranho. Vi que não era coisa que tava acontecendo como eu estava esperando, fosse um pescador que estivesse pescando normalmente. Aí eu fui e disse pro cara lá que fez essa gargalhada, aí eu fui mesmo assim, criei coragem na hora e disse: “Se for coisa que seja alma penando, pode me aparecer que eu vou te acolher para poder fazer os seus pedidos que você precisar”. Mas aí quando, nessa hora, não aconteceu nada. Ficou paralisado, paralisou. Aí eu fui e pensei... os mais velhos dizem que quem vê coisa que não é normal, sempre, geralmente, em pescaria, o peixe, ele se esconde, não dá peixe. Eu vou olhar. Quando eu entrei pra descascar as linhas, não tinha absolutamente nada aonde, nas outras noites, eu botava, às vezes no botamento da linha já pegava peixe. Nessa noite, não aconteceu de eu pegar nada.

Aí eu fui e fiquei assim meio cabreiro, aí peguei e digo, vou já cuidar e vou... tirar essas linhas. Tirei as linhas. Quando eu tirei as linhas pra vir embora, que eu dei as costas pra sair com a bicicleta, a voz me perguntou: “Já vai?” Aí eu bem ligeiro disse assim: “Vou e se quiser me acompanhar, com a ajuda de Deus, pode me acompanhar, que eu tenho prazer em levar você mais eu”. Mas era eu me fazendo de corajoso pra ver se passava melhor. Mas quando eu cheguei mais na frente, o cabra deu outra gaitada bem forte, que essa foi que foi pior. Aí só sei que eu vim embora e fiquei exemplado com a coisa. Vi tudo isso, mas não deu peixe de qualidade nenhuma. Aí eu filmei isso aí como se fosse uma assombração das águas. Aí eu conversando mais um senhor, ele disse que existia esse tipo de assombração conhecido por Pescador da Noite (Manoel Nogueira dos Santos, informação verbal⁵).

A história do Pescador da Noite surge, aqui, como um dos representantes do mistério e dos perigos ocultos nas águas. A entidade surge para atrapalhar a pescaria de Manoel, embora não apareça visualmente diante de nosso corajoso narrador: apenas se ouve a sua voz zombeteira gargalhando na noite escura, ao mesmo tempo que sua presença é sentida por Manoel. Apesar de ter pensado no começo que tudo fosse uma brincadeira de algum amigo ele, com o tempo, percebeu que aquela situação não era “normal” e que se encontrava na presença de algo sobrenatural. Nesse momento, se lembrou que já ouvira dos mais velhos sobre esse tipo de assombração fluvial e que era conhecido como o Pescador da Noite. E esse personagem noturno não é exclusivo dos rios quixereenses, estando presente em outros lugares, sempre à espreita nas águas. “É uma visão nas lagoas, rios, igarapés, enseadas [...]. Está o Pescador Encantado em toda parte do mundo onde haja pescaria noturna” (Cascudo, 1998, p. 711).

5 Informante da pesquisa.

Talvez uma narrativa como essa soe inverossímil ou fantástica demais. Todavia, não se pode negar que é uma boa história, dessas que prendem a atenção dos ouvintes a cada palavra dita. O que se sabe, enquanto ouvia-se o contar dessa e de outros causos curiosos e assustadores deste narrador, é do entusiasmo contagiante com o qual falava, do brilho no olhar assustado ao relembrar das coisas que encontrou naquela noite, quando desejava simplesmente ter uma pescaria tranquila. Mas sua intenção inicial se transformou em uma verdadeira aventura, que rendeu um relato incrível e inesquecível, apesar de todo o medo. “Uma história envolvente e inesquecível se constrói quando há um equilíbrio tríplice: contar histórias é enredar palavras em uma perfeita sintonia entre mistério, revelação e transformação” (Medeiros; Moraes, 2015, p. 307).

Pode-se perceber, pelo que foi descrito, que nosso narrador se confrontou com algo que o assombrou. O assombro causa medo, resultado de algo que se manifesta de forma não natural ou esperada, remetendo à emoção mais antiga e forte da humanidade, qual seja: o medo do desconhecido, como Lovecraft afirmava⁶. Quase todo o imaginário sobrenatural carrega essa característica: seja num espírito ou fantasma que aparece para alguém pedindo reza ou outro favor; no ataque de uma fera como o lobisomem em uma noite de luar numa estrada deserta; nos barulhos estranhos escutados dentro de casa na madrugada, que nos fazem questionar se estamos ou não sozinhos.

2.3 A CASA MAL-ASSOMBRADA

Apesar de muitas das narrativas se passarem na zona rural, algumas delas não são exclusivas desse espaço, já que costumam ocorrer também na zona urbana. Percebe-se, então, que o medo do desconhecido não possui limites geográficos e/ou sociais, sendo comum a vários lugares, grupos e épocas distintos. Para Delumeau (2009, p. 12), “[...] não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidas num diálogo permanente com o medo”. Esse medo ancestral, embora coletivo, pode tomar uma face bastante particular e doméstica. As histórias versando sobre casas ditas mal-assombradas mostram que mesmo o próprio lar pode se converter em um campo de atuação do sobrenatural. A história que se segue, contada por Joana⁷, retrata um tipo de assombração urbana, mas que não é exclusiva deste espaço.

6 H.P Lovecraft, autor norte-americano de contos de fantasia, terror e ficção científica.

7 Nome fictício.

Na época em questão, por volta dos anos 1970, Joana veio passar uns dias em casa de parentes que ficava na rua Pe. Joaquim de Menezes, Centro de Quixeré-CE, próxima ao antigo posto de saúde do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). A partir desse dia, ela se depararia com coisas que não conseguiria explicar. Uma noite, quando todos já dormiam e o silêncio noturno reinava, ela se recorda de estar deitada, mas ainda acordada, quando começou a ouvir um som semelhante a um gemido ou urro de algum animal – que ela descreveria mais tarde como parecido com o de um jumento – próximo à cabeceira de sua cama. Aquilo a apavorou de tal maneira que ela não conseguiu dormir, pois o som perturbador continuou noite adentro.

Uma outra história ocorreu quando estava ela na casa de uma cunhada, também localizada no Centro de Quixeré-CE. Nesse dia, estavam na casa ela, sua cunhada e mais outras pessoas. Quando a noite chegou, os fenômenos começaram.

Quando a gente deitou que apagou a luz, aí começou o terror. Era como se a pessoa tivesse com uma pilha de pratos na mão e soltasse tudim no chão e dava aquela quebradeira. Depois disso, todo mundo correu para a cama e ficamos só nós três, tudo agarrado uma com a outra na cama. Por que é que, a gente falava, que não foi o nosso medo que fez isso, cada uma ouviu a mesma coisa. Era uma que dizia “eu ouvi assim ou eu ouvi assado”. Não! Todas ouviam o mesmo barulho dos pratos, nem dizia ou quando dizia era de uma vez: os pratos quebraram! Tá entendendo? Depois disso, dava questão de segundos, aí era as telhas tudim caindo. Aquela quebradeira de telha na cozinha. Depois disso era copo de alumínio [...] Então pegava aqueles copo e era como se jogasse tudim no chão. Depois... essa casa tinha um corredor comprido né, que aqui em Quixeré tem muita casa ainda assim, aquele corredor comprido e estreito. Era como se fosse um cachorro correndo e ainda fazia a respiração, pra lá e pra cá desse jeito. Daqui a pouco parava e era um recém-nascido, o choro nítido de um recém-nascido (Joana, informação verbal⁸).

A série de manifestações somente acabou quando o irmão de sua cunhada chegou, ao que ela e as outras testemunhas logo relataram as coisas assustadoras que haviam presenciado. Quando foram olhar o resto da casa, imaginando que tudo estivesse quebrado e espalhado pelo chão, o medo deu lugar à surpresa, pois viram que tudo estava em seu lugar como se nada tivesse acontecido. Pelo resto da noite, não se ouviu mais nada de estranho na casa.

8 Informante da pesquisa.

2.4 O BATATÃO

Existem certos casos em que um evento dito fantástico pode despertar, além de medo, curiosidade, estranheza ou até mesmo fascínio. Conversando com Dona Ana⁹, moradora do distrito da Lagoinha, ficamos sabendo da aparição de um fenômeno estranho nos céus noturnos. A história, segundo ela, teria se passado no final dos anos 1960, quando residia na localidade de Macambira, a mesma da narrativa anterior. O “Batatão”, como era conhecido das pessoas, se tratava de uma luz ou bola de fogo enorme que surgia no céu ou flutuando próximo a estradas. Segundo contam, tinha o costume peculiar de seguir quem passava por esses caminhos à noite.

Segundo Dona Ana, a luz misteriosa aparecia quase todas as noites e mudava sua cor: às vezes, variando entre tons de um azul claro ou vermelho vivo, dando a impressão de ser confundida com uma tocha de fogo. A luz se movia subindo e baixando de altura, iluminando toda a várzea. O fenômeno era tão comum que todas as noites o pai de Ana costumava abrir a janela apenas para olhar aquela luz bruxuleante, dizendo em seguida para sua mulher: “Olha, minha véia, o Batatão! Venha ver que coisa bonita!” (sic). Para algumas pessoas, contava Ana, aquela luz errante seria o espírito de um homem que havia morrido ali há muito tempo e agora assombrava a várzea. Ainda de acordo com a narradora, outras coisas arrepiantes aconteciam naquele lugar além da aparição do Batatão: vozes arrepiantes, barulhos estranhos e vultos vistos debaixo das oiticicas onde se acreditava existirem botijas enterradas.

A história contada acima diverge um pouco das demais, sobretudo porque a aparição do Batatão não inspirava, aparentemente em todos os sujeitos, medo como as demais assombrações noturnas. Estando ligado à luz e ao fogo, sendo este último, de acordo com Cascudo (1998, p. 396), um elemento que “afugentava fantasmas noturnos em qualquer parte do mundo”. O fogo era utilizado contra os assombros da mata em muitos lugares e épocas distintas: no festival de Samhain, celtas antigos acendiam grandes fogueiras no alto dos montes com o intuito de espantar os maus espíritos, que corriam à solta pelo mundo nessa noite. Aqui, pelos menos para o pai da contadora, o Batatão não inspirava temor, mas encantamento.

Tomando como exemplo o Batatão relatado por Dona Ana, ou o Boitatá – lendária cobra de fogo da mitologia indígena – hoje se sabe que, muito provavelmente, a lenda pode ter inspiração em um fenômeno natural conhecido como fogo-fátuo, que costuma acontecer quando restos de animais ou de plantas em decomposição liberam gases que, ao entrar em contato com o ar, entram em combustão espontânea, fazendo surgir daí uma chama

9 Nome fictício.

brilhante. No entanto, a despeito de quaisquer explicações ou tentativas de explicações, o sobrenatural não se preocupa em ser conhecido ou explicado racionalmente. O encanto, a magia contida em uma história fantástica apela para a emoção dos indivíduos, não para a sua razão. E é exatamente nesse ponto “[...] onde se encontra o brilho das assombrações, que não precisam ser provadas, coerentes e inquestionáveis. Basta que sejam inusitadas, instigantes e saborosamente sombrias” (Camargo, 2014, p. 11).

3 NARRADORES E NARRATIVAS ASSOMBRADOS

Tanto o Sr. Manoel Nogueira quanto dona Ana, ao contarem suas histórias, se convertem em autênticos narradores. De acordo com Benjamin (1994), existem dois tipos principais de narradores e contadores de histórias: aquele que viajava muito e, ao retornar para casa, contava histórias dos lugares pelos quais passou; e o outro que, sem sair de sua terra natal, prezava pelo conhecimento das histórias e das tradições orais, repassando-as para as novas gerações. Ao primeiro tipo corresponderia o marinheiro comerciante e, ao segundo, o camponês sedentário.

Retornando às histórias de assombrações quixereenses, Manoel Nogueira poderia facilmente corresponder ao narrador do tipo camponês, aquele que vai para o campo trabalhar e volta para casa mais tarde contando histórias maravilhosas, mesmo sem ter se distanciado muito de sua terra. Ou seja, “[...] o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (Benjamin, 1994, p. 198). Provavelmente, porque contar histórias de assombração faz com que ele se esqueça um pouco da dura rotina ou, melhor dizendo, do excesso de realidade. E esse narrador, na contramão dos tempos atuais, parece ser capaz ainda de compartilhar suas experiências com aqueles dispostos a ouvi-lo e ouvir suas histórias, mesmo as mais insólitas. Isso é raridade nestes tempos chamados pós-modernos, onde a arte de narrar parece estar em vias de extinção e cada vez menos pessoas sabem contar uma boa história.

A crise narrativa da modernidade se deve ao fato de que o mundo está inundado de informações. O espírito da narração está sendo sufocado pela enxurrada de informações. [...] Informações reprimem acontecimentos que não são passíveis de explicação, mas apenas de narração. Narrações geralmente possuem margens de milagre e de mistério. Elas não são compatíveis com informações, que são a contrafigura do mistério. Explicação e narração são mutuamente excludentes (Chul-Han, 2023, p. 13).

Contar histórias ajuda a preservar a arte da narração para as novas gerações. E, por falar em novas gerações, em certa ocasião, conversamos com uma professora quixereense que também é uma conhecida contadora de histórias, tendo já participado de vários eventos culturais no município. Em suas apresentações, ela encanta o público – sobretudo infantil – ao contar histórias das mais diversas sempre procurando transmitir algum ensinamento para seus ouvintes, deixando claro o papel que as histórias possuem de ensinar ou transmitir valores e conhecimentos, ressaltando aquilo que Benjamin (1994, p. 199) chama de “dimensão utilitária” dos contos. Dimensão essa cuja utilidade “[...] pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (Benjamin, 1994, p. 199-200).

Perguntamos qual seria, a seu ver, a importância do ato de contar histórias. Como resposta, ela afirma que as histórias, por sua vez,

[...] mexem com o imaginário da criança. Quanto mais a criança imagina, quanto mais ela pensa, mais isso se reflete no seu ser humano, no seu individual [...]. Eu acho extremamente importante a contação de histórias para ajudar na questão da leitura, da escrita, ampliação de vocabulário, de repertório cultural e, principalmente, quando é escutada de uma forma deleitosa, sem nenhuma cobrança, ouvir por ouvir, é pra fazer com que as crianças imaginem, elas reflitam, elas repensem e isso faz com que elas tenham maiores oportunidades de conhecimento (Lucí Oliveira, informação verbal)¹⁰.

Pela fala da contadora mencionada, percebe-se o quanto o ato de contar histórias causa um impacto positivo na vida não apenas de uma criança, mas de qualquer pessoa em qualquer idade. Seja uma história da vida real, um mito, uma lenda ou qualquer outra, sabemos, desde os tempos mais remotos, o poder que a palavra possui. Diversos tipos de narrativas podem cumprir esse papel. No entanto, as velhas histórias de assombração ouvidas ao cair da noite constituem uma categoria à parte, já que os mitos e as lendas sempre ocuparam lugar de destaque no imaginário coletivo, revelando certos aspectos sobre nós mesmos e sobre nossas vidas.

Voltando aos contos de assombração, eles carregam em si um sentido, seja ele individual para quem conta, seja para quem escuta. E, ao contrário do que creem alguns, narrativas como essas que envolvem assombrações não são apenas credice ou mera superstição, nem se restringem a lugares e a sociedades remotas, excluídas da modernidade.

10 Antônia Lucí Silva Oliveira, 49 anos. Entrevista realizada em 11/06/2024.

Elas, portanto, “[...] primeiro, não acontecem exclusivamente nas chamadas sociedades primitivas ou tradicionais e, segundo, que pode-se aprender bastante sobre as culturas moderna e urbana ao estudar tais lendas” (Fagundes, 2000, p. 14). Elas não surgem à toa, mas trazem em seu núcleo algo de verdadeiro, mesmo que revestido de um caráter fantástico ou maravilhoso. As narrativas lendárias:

[...] podem ser consideradas elementos fundamentais na construção de uma identidade social, cultural, local e até mesmo religiosa de determinado grupo em determinado tempo e espaço, e que a partir destas é possível que o pesquisador descubra os mais diversos aspectos presentes em um passado a ser estudado (Nascimento, 2022, p. 1540).

4 DEUS E O DIABO NA TERRA DE MONSENHOR OLIVEIRA

Um dos aspectos mais relevantes da cultura quixerense – que não chega a se constituir uma exclusividade, mas sim característica comum a muitas cidades do interior nordestino – se trata da religião. De tradição cristã-católica desde sua fundação, o povoado que daria origem futuramente ao município cresceu na segunda metade do século XIX a partir da construção da igreja local e da consequente atividade missionária, em que se destacou a atuação do Padre Agostinho Afonso, vindo da Itália. A paróquia de Quixeré-CE, cuja santa padroeira é Nossa Senhora da Imaculada Conceição, foi criada no ano de 1941.

Dentre as tradições religiosas mais conhecidas do município, se destaca a romaria realizada todo dia 13 de maio até a capela do distrito de Tomé. Sua origem remonta aos anos 1940 do século passado, quando a então vila de Quixeré enfrentava um surto de malária. Em *Quixeré: traços de uma cidade em ascensão* (2018), Dalvany Alves de Lima, professora e historiadora local, nos conta que:

[...] 1940 foi um ano de mais uma cheia no Vale do Jaguaribe e por consequência na várzea quixerense, levando algumas pessoas a buscarem moradia na Serra. [...]. Com o alagamento das várzeas jaguaribanas, a malária, febre paludosa intermitente transmitida por um tipo de mosquito, que há anos grassava por todo o Vale do Jaguaribe avançou de tal maneira pela região, causando muitas mortes e requerendo a organização de uma frente de combate ao mosquito (Lima, 2018, p. 27).

No entanto, mesmo com a ação dos guardas sanitários de expurgo, a situação se agravava, o que levou muitas pessoas a apelarem à ajuda divina para resolver o problema. Diante do quadro, padre Francisco José de Oliveira, então vigário local, fez uma promessa à Nossa Senhora de Fátima de construir um santuário caso ela ajudasse a livrar a região da epidemia. Coincidência ou não, a moléstia foi, aos poucos, regredindo até desaparecer completamente. Para cumprir sua promessa e agradecer aos céus, padre Oliveira mandou construir uma capela no distrito de Tomé, a capela de Nossa Senhora de Fátima, inaugurada em setembro de 1940. Ali, se dava o início da tradição da romaria anual como forma de recordar a promessa que, para muitos, salvou Quixeré-CE da terrível peste.

Como se percebe, a religião – tanto a oficial e ortodoxa, quanto a de caráter mais popular e fluido, fruto de sincretismo com outras formas de crença – se faz presente no dia a dia do quixerense. Parte importante da cosmovisão de mundo da religião cristã é a dualidade entre Bem e Mal, representados nas figuras de Deus e do Diabo, polos opostos cósmicos. E, como se espera, essa visão de mundo se reflete também nas narrativas e nas lendas populares.

Alguns dos personagens folclóricos mais conhecidos, tais como o Lobisomem, em algumas versões da história, é resultado não de uma maldição hereditária, mas fruto de um feitiço envolvendo forças ocultas. Geralmente, o feiticeiro é alguém que vive isolado ou tem um comportamento estranho, dado a praticar bruxarias, tendo em sua posse o obscuro livro de São Cipriano¹¹. Em casos assim, o feiticeiro só consegue sua transformação por estar afastado dos ensinamentos da igreja, em conluio com o Diabo “[...] entendido por algumas pessoas como o protagonista pelo aparecimento das assombrações [...]” (Bernardes, 2016, p. 5-6).

Em muitas ocasiões, a centralidade das mensagens transmitidas pelas assombrações gravita em torno de uma moralidade acerca do pecado e dos riscos de punição a ele associados. Em *Assombrações do Recife Velho* (2008), Gilberto Freyre nos conta sobre a aparição sobrenatural de um bode horrendo para uma velha e avarenta senhora, pois ela – apesar de bastante rica e católica devota – era negligente no cuidado com suas três sobrinhas, a ponto de deixá-las passarem necessidade, usando suas correntes de ouro e joias para adornar a sua estátua favorita do Menino Jesus. O bode seria, então, uma manifestação do demônio, assombrando a velhinha como punição justamente pelo pecado da avareza, consagrado na tradição católica como um dos sete pecados capitais.

Ainda dentro do campo religioso da punição, a lenda da Mula-Sem-Cabeça é representativa. “A tradição comum é que este castigo acompanha a manceba do padre, durante

11 Grimório que contém diversos rituais de ocultismo e exorcismo, magias e “simpatias” (conjurações populares), com múltiplas finalidades, inclusive para o cotidiano. N. do A.

o trato amoroso [...]” (Cascudo, 1998, p. 596). Revela a crença antiga que vê a figura feminina como fonte de tentação do homem, a exemplo de sua ancestral Eva que comeu do fruto proibido resultando, assim, no pecado original e na condenação da humanidade. Em Quixeré-CE, a Burrinha Encantada cumpre um papel semelhante ao da Mula-Sem-Cabeça, excluindo alguns aspectos mais radicais da sua transformação, como a ausência de uma cabeça e do fogo que queima em seu lugar.

Em uma história acontecida na localidade da Ilha, depois do Rio Velho, contava-se que havia certa moça com má-fama de solteirona e por ter uma postura não muito feminina para os padrões sociais da época. O povo comentava que ela era, na verdade, uma Burrinha e que costumava se transformar nas proximidades de um curral. Em certas noites, diziam, ela ia para esse local, tirava toda a roupa, rolava no chão e começava a “virar burra”. Já transmutada na forma animal, saía correndo em disparada pelas estradas, só podendo retornar para o mesmo curral e virar mulher novamente depois de visitar sete ou nove locais diferentes ou “freguesias”, como se costumava dizer na época.

Na maioria das versões dessa lenda, a Burrinha era uma mulher encantada na forma desse animal como punição por ter se envolvido com um padre; em outras, ela é a sétima filha depois de seis irmãs consecutivas, sobre a qual recai a maldição – aqui, percebe-se a semelhança com a lenda do Lobisomem, que é o sétimo filho homem, mas depois de seis irmãs. Além das semelhanças entre os personagens, há também um certo tom preconceituoso em relação ao diferente, aquele ou aquela que não se encaixa nos padrões estabelecidos, resultando em uma forma de punição ou sanção não apenas religiosa, mas também social. A transformação, seja a da mulher que virava Burrinha ou a do homem que virava Lobisomem, era uma forma de ambos pagarem por seus “pecados”, sejam eles religiosos ou sociais. Essas semelhanças entre as narrativas ocorrem porque “[...] durante sua peregrinação, os contos se transformaram; há a influência do meio, a alteração de certos fatos, lacunas que foram preenchidas e novos motivos surgiram, mas a base da criação continua a mesma” (Bayard, 2001, p. 12).

Esses e outros exemplos demonstram como essas histórias servem de guia de orientação ou de advertência contra certos comportamentos tidos como indesejáveis ou que contrariam a moral religiosa e/ou social, com o imaginário se tornando um veículo de propagação de uma determinada visão de mundo.

CONCLUSÃO: O QUIXERÉ OCULTO

Os contos e as lendas orais são apenas uma pequena parte desse grande todo em que consiste a tradição oral. Especificamente, esse imaginário formado a partir de um conjunto de lendas de assombração, em um determinado lugar e época, pode ser percebido quando os “causos” representam medos e práticas dos sujeitos envolvidos, suas interações nos espaços e nos lugares. Como se percebe pelos exemplos anteriores, Quixeré-CE possui um imaginário do sobrenatural rico nesse aspecto.

Na rotina do dia, o imaginário se sobressai em diversos momentos, seja nas práticas, seja nos dizeres. Não é algo estagnado ou congelado no tempo, como se poderia pensar, mas que está sempre em constante mutação, acompanhando a marcha dos tempos. Apesar de todas as mudanças políticas e culturais ocorridas na era contemporânea, o papel social das narrativas se mantém, adequando-se a um novo contexto. As velhas histórias se atualizaram, sendo recontadas de novas maneiras e em novos meios como por meio da internet, das redes sociais, do cinema etc., seja para manter vivas antigas tradições ou reformulá-las de acordo com nossa época. “A tradição se caracteriza pelo movimento lento de repetição do já dito, fluxo e refluxo do passado-presente se atualizando por gerações [...]” (Costa, 2015, p. 29).

Tendo conhecido um pouco mais acerca das lendas e dos contos de assombração contados em Quixeré-CE, é fácil perceber o quanto este universo é revelador, ultrapassando a velha – e preconceituosa – alcunha de serem apenas “histórias que o povo conta” sem muita importância. Ouvindo estas histórias, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o modo de vida dos quixerereenses, suas visões de mundo, concepções religiosas e opiniões.

Descortina-se diante dos olhos uma outra cidade: um Quixeré, por assim dizer, oculto pelo véu das memórias dos contadores de histórias, memórias estas que são dignas de serem preservadas e passadas adiante. Elas são parte da história local, pois dela fazem parte não somente as coisas materiais, mas também as imateriais e simbólicas.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. LEACH, Edmund *et Alii* (org). **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-331.
- BAYARD, Jean Pierre. **História das Lendas**. Tradução: Jeanne Marillier. Edição eletrônica: ed. Ridendo Castigat Mores, 2001. Disponível em: ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html. Acesso em: 11 out. 2024.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.
- BERNARDES, Marcelo Elias. Memória coletiva e contos de assombração: uma abordagem sobre a identidade e a tradição da cultura popular em Caldas, Minas Gerais. In: XXIII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 1, 2016, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo, 2016, p. 1-15.
- BERNARDES, Marcus. Culturas populares: notas históricas e epistemológicas. In: 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2014, Natal. **Anais [...]** Natal, 2014, p. 1-16.
- CAMARGO, Ivan. **Assombrações Caipiras**. São Paulo: Clube de Autores, 2009.
- CAMARGO, Ivan. **Assombrações Caipiras**. 2. ed. São Paulo: Clube de Autores, 2014.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- CHUL-HAN, Byung. **A crise da narração**. Tradução de Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.
- COSTA, Edil Silva. O contador de histórias tradicionais: velhas e novas formas de narrar. In: **Con-tação de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc, São Paulo, 2015.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.
- FAGUNDES, J. **Almanaque das lendas urbanas**. São Paulo: Discovery Publicações, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas fol-clóricas em torno do sobrenatural no passado recifense**. Apresentação Newton Moreno, 6ª Ed. – São Paulo: Global Editora, 2008.
- GONÇALVES, Carolina Brandão. Histórias de Assombração. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://avauea.uea.edu.br/pluginfile.php/239682/mod_resource/content/7/texto_unidade_III_%20assobra%C3%A7%C3%B5es%20docx%20%28Autoguardado%29%20%281%29.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.
- LIMA, Dalvany Alves de. **Quixeré: traços de uma cidade em ascensão**. Fortaleza: Premius Editora, 2018.

MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes e MORAES, Taiza Mara Rauen (org.). **Contação de histórias:** tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

NASCIMENTO, Cícero Bruno Barros. Lugar de Memória: os mitos e as lendas na construção de identidades. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.8. n. 03. p.1536-1550, mar. 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4737/1804>. Acesso em: 26 nov. 2024.

PLÍNIO, Caio Cecílio. **A casa mal-assombrada**. Tradução de Miguel do Sacramento Lopes Gama. Rio de Janeiro: Free Books Editora Virtual, 2017. Disponível em: https://freebookseditora.weebly.com/uploads/1/1/9/3/119330764/free_books_-_a_casa_mal-assombrada_-_pl_nio_o_jove__1_.pdf. Acesso em: 29 maio 2026.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **O desencantamento do mundo:** seis estudos sobre Max Weber. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

(Recebido para publicação 02 de setembro de 2025)

(Reapresentado em 23 de setembro de 2025)

(Aprovado para publicação em 27 de outubro de 2025)